

Desorganização do mercado afeta indústria de Camaçari

Raimundo Lima

Salvador — Com excesso dos produtos que começam a ser fabricados no próximo mês pelo Copesul, o mercado brasileiro de petroquímicos necessita de urgente reorganização, sob pena de inviabilizar a continuidade operacional de pelo menos três indústrias do polo petroquímico de Camaçari, segundo empresários da área.

A entrada em funcionamento do Complexo Petroquímico do Rio Grande do Sul vem agravar a situação deste setor industrial, que começava a se recuperar de uma crise iniciada em março do ano passado e que, no auge, chegou a reduzir a demanda dos produtos do polo de Camaçari à metade, levando várias empresas a paralisar suas atividades temporariamente.

ANO ATÍPICO

A recuperação observada nos últimos três meses não significa ainda, contudo, um novo patamar forte e sólido de consumo. O mercado interno apresenta sinais de fragilidade, se-

gundo o diretor comercial da Copene — Petroquímica do Nordeste — Fernando Paes Andrade.

Dai o coordenador do Complexo de Camaçari, Ayrton Ferreira, ter afirmado que "o ano de 1982 será, mais uma vez, um ano atípico". Ocorre que, em 1981, com os altos juros bancários, os transformadores esgotaram seus estoques ao máximo para evitar pesados encargos financeiros. Já este ano, foram obrigados a comprar petroquímicos intermediários em maior volume para continuar produzindo, pois os níveis de reserva já haviam chegado ao limite mínimo.

No ano passado, com a retração do mercado interno, as 37 indústrias do Pólo do Nordeste ainda chegaram ao final do exercício com boa performance devido ao aumento das exportações. E isto foi possível porque o Governo promoveu incentivos especiais, como a concessão do crédito-prêmio de IPI e financiamentos subsidiados através da Resolução 764 do Banco Central.

Este ano, pelo contrário, cresceu a demanda interna, mas a procura dos produtos e os preços no exterior caíram a níveis que tornam inviável as exportações dos petroquímicos brasileiros. Com a entrada do Polosul, haverá a necessidade de um novo esforço de exportação de polietileno de baixa e de alta densidades, de polipropileno e de produtos básicos. Por isso, talvez, o coordenador do Copec, Ayrton Ferreira, tenha dito que "o segundo semestre ainda é uma incógnita para o setor".

Contudo, o presidente do Comitê de Fomento à Indústria de Camaçari, Luis Artigas, estima um faturamento global de 2 bilhões 500 milhões de dólares até dezembro. Isto é: 300 milhões acima da receita do ano passado.

Fernando Paes de Andrade, da Copene — empresa fornecedora de matéria-prima para as demais indústrias do Pólo do Nordeste — lembrou que o mercado interno petroquímico "não é uma entidade que exista por si mesma, pois sua evolução, positiva ou negativa, depende dos

rumos econômico-financeiros que o Governo desejar imprimir a economia".

Sua expectativa é de que haja uma melhoria das condições do mercado internacional em 1983 para que as exportações sejam feitas em condições mais favoráveis de acesso ao mercado e de preços, principalmente no que se refere aos produtos que serão comercializados pelas fábricas gaúchas nos próximos dias.

De qualquer forma, há dados que indicam a melhor performance das empresas de Camaçari este ano. No período de janeiro a junho, de uma produção de 562 mil toneladas em oito empresas do Pólo, 87% foram comercializados. Um levantamento feito nessas mesmas indústrias — CPC, Fisiba, Isocianatos, Melamina, Nitrocarbono, Nitrofertil, Sulfab e Polialden — comprovou que, no segundo semestre do ano passado, quando a crise já começava a ser contornada, foram vendidos apenas 78% das 554 mil toneladas de petroquímicos produzidos.

